

## O evangelho e a globalização\*

Erhard S. Gerstenberger

### 1 — Fatos estrondosos

Quem não experimenta as realidades da técnica e economia globalizante de nosso tempo pós-moderno dificilmente vai acreditar: já constituímos um mundo em muitos aspectos unificado, controlado por forças hegemônicas e homogêneas, não só no plano técnico e econômico, mas também no nível ideológico. Cada um e uma de nós pode testar essa afirmação. Vão ao supermercado Eldorado ou ao *Shopping* de São Leopoldo: estudem as origens das mercadorias expostas nas gôndolas. Entrem na Internet para contatar, dentro de instantes, os mais variados endereços pelo mundo afora. Leiam os jornais e se surpreendam: os russos estão instalando cada vez mais restaurantes da rede McDonald's, os chineses querem demitir funcionários ineficientes em prol da competição livre, as instituições financeiras mundiais intervêm nas crises dos países asiáticos, a ONU está mantendo cessar-fogos precários em vários países, o clima mundial fica submetido a um único fenômeno, o *El Niño*, acontecem eventos emocionantes que cativam o interesse da população do planeta todo, como a morte da princesa Diana e o campeonato mundial em Paris, e milhares de outros traços, fenômenos, valores que dizem respeito à união do mundo humano. Esse entrelaçamento dos continentes, das culturas e populações é um fato já consumado e que, ao mesmo tempo, se aprofunda com grande velocidade.

A realidade da interconexão de tantos povos diferentes é, como tal, um milagre. Quem fez tudo isso? Quem conseguiu convencer nações com tantas discrepâncias, tantos interesses conflitantes que a Coca-Cola faz bem, que a Internet é necessária, que a primeira opção para sobreviver não é a guerra, mas sim a exportação de matéria-prima e de mercadorias e o comércio com as demais nações? Até 1989, minha vida passou quase exclusivamente por épocas de conflitos quentes ou frios. Acostumei-me a pensar, conforme moldes muito antigos, que a guerra realmente é a mãe de todo progresso. Agora experimentamos, a grosso modo, uma época de paz, com dezenas de sangrentos conflitos locais, é verdade, mas de um equilíbrio armamentista entre as grandes potências. Até o próprio presidente "Clinton tirou o dedo do gatilho" recentemente, pelo menos por um tempinho, como dizia o jornal *Zero Hora*. Quando voltamos daqui para a Alemanha em 1981 o medo de uma nova guerra mundial perturbava os europeus. Hoje,

tudo parece calmo, inclusive as nações orientais, e os chineses ainda moram longe: é isso um bom efeito da globalização?

Do mesmo jeito podemos encarar a situação econômica, e alguns líderes políticos estão fazendo justamente isto. A produtividade de todos os empreendimentos humanos aumentou consideravelmente em quase todas as nações. Na teoria estatística, os seres humanos estão vivenciando uma época de extremo bem-estar, inédito na história do planeta. Considerando os bens já acumulados nos continentes habitados teríamos recursos suficientes para que cada família recebesse casa própria, móveis, carro, roupa, educação, assistência de saúde; em suma: tem de tudo neste mundo, não falta quase nada para uma vida bem suprida para cada um dos 6 bilhões habitantes desta terra. Seria isso a prosperidade paradisíaca prometida em algumas visões proféticas? Juntando aos meios de viver em conforto as bênçãos da tecnologia, da medicina moderna, do trânsito em nível mundial com suas possibilidades turísticas, de contatos científicos e humanos, os meios de comunicação e de intercâmbio cultural, poderíamos chegar à conclusão de que estamos vivendo em um dos melhores mundos imagináveis: um bom efeito da globalização?

Apreciando tal situação de paz e prosperidade no mundo inteiro, nós, cristãos, talvez sintamos um pouco de inveja em relação aos construtores desse mundo maravilhoso. Aí estamos nós, ao fim de quase dois milênios de cristianismo praticado nas sociedades ocidentais e em algumas orientais. A mensagem da paz e do amor de Cristo foi pregada de modo incessante ou incansável. O que tem produzido essa pregação? Quais os resultados do empenho fiel de milhões de crentes em todo o mundo? Certo, podemos apontar as obras diaconais e caritativas realizadas durante todos esses séculos. São realmente impressionantes. Podemos, isto sim, referir-nos a milhares de mártires que, em nome de Cristo, sacrificaram as suas vidas em prol de pessoas indefesas e injustiçadas. Talvez seja lícito, também, indicar de maneira global toda a criação do patrimônio cultural e ético do mundo ocidental cristão como resultado excelente da pregação do evangelho. Mas, mesmo reunindo as boas obras do cristianismo na história passada, descobrimos que a força transformadora do cristianismo, no sentido de trazer paz e amor para todo o mundo, não se tornou efetiva, aparentemente falhando em relação a suas próprias intenções e finalidades. Em contraposição, a ideologia que está construindo este nosso mundo moderno conseguiu, no decorrer de apenas oito ou nove anos, conquistar todo o globo, pacificando as mais perigosas animosidades entre as nações, trazendo prosperidade para milhões de habitantes desta terra. Isso é razão para se espantar, para refletir novamente a fundo, é razão, talvez, para se envergonhar e arrepender. Só que a vergonha, reforçada pela má consciência de que estamos, todos nós, participando e usufruindo das bênçãos desse mundo globalizante, não devem nos impedir de fazer, a partir do evangelho, um levantamento desse mundo maravilhoso.

## **2 — Análise inquietante**

Sendo um exegeta da Bíblia, para mim está claro: as nossas afirmações sobre o mundo sempre são interpretações, nunca são a verdade pura. Mas a verdade, que temos que buscar sob os auspícios do evangelho de Cristo, realmente está contida e escondida em nossas interpretações do mundo. Então, é muito óbvio que a descrição do mundo oferecida até agora, que o apresenta como um verdadeiro paraíso, tem o seu lugar especial. É a visão daqueles que governam e propagam a ideologia do mercado livre, é a visão de gente que pode aproveitar um pouquinho das bênçãos oferecidas pelos mecanismos produtores de riqueza. E é, também, até certo ponto, a visão de populações e grupos excluídos do mercado, porque eles, assim como os estudantes, desempregados, marginalizados por razões étnicas, sexuais, de falta de educação, saúde, etc., cultivam ainda a esperança de um dia poder participar do mundo glamuroso. Obviamente, então, tal visão otimista da situação mundial pertence a determinadas camadas da população e não reflete uma interpretação a partir da realidade humana e da criação integral. Os cristãos, no entanto, vivem sob a exigência do evangelho de tentar, tanto quanto possível, enxergar a realidade total de toda a criação, dando ênfase especial aos interesses vitais dos fracos, indefesos, marginalizados e, além disso, muito especialmente a todos os outros seres criados por Deus, porque eles têm pouquíssimos advogados em nosso meio.

Gostaria de destacar que o impulso para incluir, em nossas ponderações, a parte desprezada e negligenciada do mundo para ganhar uma visão honesta e certa não provém tanto da contemplação dos direitos humanos, nem do já esquecido discurso marxista, nem da — como dizem alguns, falecida — teologia da libertação, embora todas essas correntes de valiosíssimos pensamentos humanos ainda possuam a sua importância. Provém, isto sim, do testemunho bíblico, ou do evangelho, que nos manda sair, tanto quanto possível, da nossa prisão egoísta e procurar o outro, necessitado, e a criação indefesa. Esse testemunho bíblico é uma herança de gente sofrida do Oriente Médio da Idade Antiga, de grupos oprimidos sob impérios brutais. Certamente a situação de sofrimento na Antiguidade era diferente da nossa situação de hoje. Mesmo assim, o que nós herdamos dos israelitas e das comunidades cristãs primitivas é a simpatia para com aqueles que estão na parte inferior das escalas sociais. O protesto profético de todos os tempos contra os abusos de poder e em favor da justiça social sublinha a decisão básica dos teólogos bíblicos em prol daquela parte do mundo que está nas sombras do sucesso e do glorioso crescimento econômico.

Se assim for, temos que abrir os olhos e investigar mais de perto e a fundo o que está acontecendo com esse famoso modelo de globalização. O motor do desenvolvimento atual é, de maneira quase exclusiva, a economia, o comércio mundial. Todos os outros componentes da vida, p. ex. a política e a legislação internacional, o encontro e a convivência das culturas e religiões, a pesquisa

científica, a previdência e assistência social, a preservação da natureza, etc., são relegados ao segundo plano. As atividades globalizantes da humanidade giram em torno da economia e estão nas mãos dos dirigentes econômicos. Governos inteiros funcionam em função dos interesses mais fortes dos *lobbies* empresariais. Esse fato traz claramente vantagens na medida em que líderes comerciais neutralizam comandantes militares. Mas o domínio total da economia faz com que os valores principais da vida global se tornem exclusivamente princípios impessoais do tipo “cálculo econômico de lucro”.

Assim, filósofos do mercado gostam de partir da liberdade individual que se desdobra quase exclusivamente numa liberdade mercantil, de fazer negócios sem restrições. Da responsabilidade social, ainda integrada nos primeiros programas políticos e na constituição da Alemanha, não se fala mais. Para garantir tal liberdade, os empresários — enfatizam os filósofos da economia — deveriam ser aliviados, tanto quanto possível, até de impostos e da competição subvencionada de empresas e outros empreendimentos estatais. Eles esperam que a competição livre entre as empresas, bem como o comportamento prudente e discriminador do consumidor, venham a regulamentar a oferta e os preços dos bens. A acumulação de capital nas mãos dos produtores e comerciantes, por sua vez, deveria levar a novos investimentos, criando empregos. Todo o mecanismo do mercado — assim a teoria vigente — funciona quase automaticamente com a maior eficiência possível. Ele quase não precisa de controle de fora. Liberdade, competição, eficiência, lucro são os grandes conceitos orientadores na filosofia do mercado. Por acaso, já há muitos anos um ex-ministro da Fazenda do Brasil, Mario Henrique Simonsen, escreveu um livro, intitulado *Brasil 2001*, cheio de profecias em torno desse modelo do mercado.

A triste realidade da nossa época está muito longe dos sonhos daqueles que têm feito os projetos dela. Talvez o problema básico resida na ilusão de que o mercado livre produziria, sem esforço específico — como efeito colateral, por assim dizer —, um mundo justo, agradável para todos. Muito ao contrário, esse mercado livre se torna o palco exclusivo de pessoas fortes, muitas vezes totalmente irresponsáveis. A grande maioria das pessoas sem recursos financeiros fica à mercê dos poderosos e um número crescente de pessoas — só na Alemanha ele está chegando aos 5 milhões — termina em desemprego perpétuo.

Quero exemplificar a situação com as experiências feitas pela maioria dos alemães do lado oriental depois da reunificação. Apesar dos investimentos do lado ocidental (alguns bilhões de marcos anualmente), os novos estados da República Federal da Alemanha perderam grande parte de sua produção industrial em consequência da privatização total da indústria e da dominação igualmente total de empresas ocidentais (que compraram as fábricas falidas para fechá-las, demitindo os trabalhadores: evidentemente uma medida destinada a eliminar competição). Outro fator que contribuiu para isso foi o fato de que a clientela da Rússia sumiu porque não mais conseguia pagar os preços ocidentais. Mas a razão decisiva para

a queda econômica da Alemanha Oriental é o espírito de ganância dos empresários ocidentais. Eles querem apenas vender os produtos próprios lá no outro lado, provocando um desemprego enorme, mais de 20% da força de trabalho (no lado ocidental são 10%) conforme a última estatística de janeiro de 1998, criando depressão e desespero na população, junto com um crescimento correspondente do neonazismo e da criminalidade comum. O governo federal se restringe a refazer as estradas, ferrovias, o sistema de comunicação, alguns prédios públicos, a administração, justiça, polícia, etc. nos estados novos, tudo com a finalidade de que os empresários ocidentais possam explorar devidamente a população e lucrar, satutando-se de imensas rendas.

Outro exemplo significativo, embora com características próprias, encontra-se nos Estados Unidos. Forçado por uma maioria conservadora no Congresso Nacional, o governo batalhou, nos últimos anos, para equilibrar o orçamento. Isso implicou cortes drásticos nas despesas sociais. Programas para jovens desempregados ou dependentes de drogas e muitos outros empreendimentos foram extintos. Ao mesmo tempo, tentou-se aumentar o número de empregados, ou em serviços manuais e mal remunerados ou como pequenos empresários tipo camelô. O governo conseguiu de fato baixar a taxa de desemprego para até 4 a 5% da força de trabalho, um recorde. Elogios e autoglorificações não faltam. Será que uma camada de 4 até 5% de desempregados com as suas famílias (nos EUA isso representa aproximadamente 30 milhões de pessoas) pode ser considerada uma parcela perdida da população, a ser sacrificada ao MERCADO?

No mais, o desenvolvimento geral do mercado livre nos Estados Unidos está seguindo os trilhos mundiais. A pobreza dos setores excluídos da sociedade e a pobreza pública estão visíveis em todos os cantos, principalmente nas grandes cidades com os seus *slums* horríveis. Os prédios públicos estão caindo aos pedaços, enquanto edifícios particulares refletem cada vez mais a grandeza e o lucro imenso de pessoas privadas. Tenho a impressão de que o equilíbrio do orçamento nacional tem a única finalidade de possibilitar e consolidar os lucros de alguns poucos, p. ex. nas bolsas de valores. Houve dois homens de consciência clara e social nos meios dos super-ricos dos EUA poucos anos atrás. Um deles doou às Nações Unidas a soma de 1 bilhão de dólares para despesas humanitárias. Disse, depois da publicação desse feito: "Essa doação não me faz mal. Dei apenas o quanto ganhei nas bolsas durante os três últimos anos, sem me empenhar. Quero lembrar o governo do meu país de que ele está devendo às Nações Unidas mais de 1 bilhão de dólares." O outro doador era de descendência russa. Ele doou 500 milhões de dólares para fins humanitários ao governo da Rússia. Estes são, sem dúvida, gestos nobres possíveis também dentro do capitalismo moderno. Ao mesmo tempo, alertam para a terrível desigualdade em que vivem os seres humanos. Basta acrescentar que no mundo inteiro atualmente há 278 pessoas bilionárias. Elas comandam, como indivíduos, uma fortuna que equivale à soma dos orçamentos anuais dos dez países mais pobres deste mundo, com dezenas de milhões de

habitantes. Será que essa divisão dos bens mundiais corresponde à vontade do Criador ou à pregação do evangelho de Jesus Cristo? Não posso imaginar.

Mais um exemplo, desta vez brasileiro. O governo se orgulha dos sucessos do Plano Real e das demais medidas econômicas tomadas para reduzir a inflação e promover o progresso geral em termos de industrialização e tecnologização. Os objetivos centrais são, como nos países da Europa, a consolidação do mercado livre com a ajuda do capital internacional. A privatização das empresas nacionais (significando, de modo geral, venda para fora), a reforma administrativa e da previdência social, e também, dentro de certos limites, a reforma agrária constam na agenda de Brasília. De vez em quando, o governo até fala e age no campo social prometendo um novo Brasil, com chances mais justas para todos. Outro dia, estudei uma pesquisa sobre as intenções de voto na eleição presidencial deste ano. O que me interessava mais nos dados estatísticos era o espelho social que transparecia. Os pesquisadores dividiram a população brasileira em cinco categorias, conforme critérios de educação e renda. A elite, somando 8% da sociedade, possui diploma de terceiro grau e ganha mais de R\$ 2.400,00 por família. Está enquadrada nos grupos A e B de consumidores; quer dizer, as pessoas deste grupo social realmente gastam dinheiro. Intimamente ligada a elas encontramos a camada pequena (2%) dos batalhadores, que tem o mesmo perfil econômico, mas uma educação inferior. Assim, 10% da população constituem o topo da pirâmide social. Uma pesquisa das propriedades iria revelar que eles detêm em suas mãos uma parcela de mais ou menos 60% dos bens desta nação. Se não me engano, os pastores e professores da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) podem aspirar, talvez acrescentando a renda da esposa, a pertencerem ao mais baixo nível da elite nacional.

Depois desse grupo mais alto vêm os chamados “remediados” (confesso que não entendo bem este nome, mas é bonito) com 14% da população, escolaridade média e renda familiar entre R\$ 1.200,00 e 2.400,00. Já se seguem os excluídos, hoje em dia 62% da população, com uma educação que mal alcança o primeiro grau e renda familiar inferior a R\$ 1.200,00. A eles temos ainda que juntar um grupo chamado de “decadentes”, que tiraram diplomas do segundo ou terceiro grau, mas não alcançam os R\$ 1.200,00 por família. Eles constituem 13% da população. Em conjunto, então, as camadas sociais mais baixas englobam 75% ou três quartos da população brasileira. São designados com palavras feias, porque na verdade não podem participar, por falta de dinheiro, da economia nacional. Os “decadentes” aparentemente tentaram subir na escala social, mas foram derrotados. Um fato ainda mais assustador, anotado na referida pesquisa: os “excluídos”, por sua vez, aumentaram em número num único ano de 57 para 62%! Isto quer dizer: na lixeira da nação encontra-se uma parcela crescente e majoritária da população. Mesmo assim, temos que registrar que esses “excluídos”, com educação rudimentar, na sua maioria acreditam firmemente no Plano Real. Só os “decadentes” têm dúvidas quanto à viabilidade de criar desta forma um Brasil

novo. Com essa situação que coloca uma parcela de 75% da população dentro ou perto da miséria, não é de estranhar que os 25% em cima tenham que se proteger cada vez mais dos roubos e assaltos. Cresceram as grades de ferro, aumentaram os serviços particulares de segurança. O governo deve ser grato aos criminosos porque indiretamente eles criam tantos empregos adicionais entre operários que constroem casas e edifícios protegidos e pessoal de segurança. É isso o efeito do desenvolvimento paradisíaco da economia? Será que a consciência cristã pode se conformar com o ensinamento da história de que sempre houve ricos e pobres lado ao lado?

Chega de exemplos. Temos que generalizar alguns pontos de avaliação:

a) A globalização da vida inteira no planeta terra está em andamento e ganha um *momentum* cada vez maior. As forças inerentes a esse novo movimento ecumênico — quer dizer, universal — podem garantir de certo modo uma paz racional e de interesse comum, mas até agora sem justiça social ou respeito pela natureza.

b) Fazendo da economia a preocupação única e o critério exclusivo (conforme parâmetros muito antiquados) da atuação, o movimento globalizante tem defeitos gravíssimos. Ele até agora calcula, p. ex. a eficiência econômica, somente a partir de cifras e estatísticas de produção e consumo, sem considerar a exaustão de recursos naturais ou as conseqüências da poluição causada pelo modo de produção e de operação das indústrias, bem como os problemas do lixo que resulta da sua disfunção. A preservação do mundo natural, a busca de fontes de energia alternativa aos combustíveis ou à energia atômica, reciclagem de materiais preciosos porque não-renováveis somente em medida mínima têm entrado na cogitação dos dirigentes da economia.

c) Pior ainda fica a situação mundial de trabalho e emprego. Investimentos em indústrias produtivas por via de regra reduzem o número de vagas para trabalhadoras e trabalhadores. Da mesma forma, muitos setores de serviços se tornam automatizados, liberando pessoal de atendimento. Aparentemente, no mundo inteiro se criam menos empregos do que são eliminados a cada ano. As demissões prevalecem e, pouco a pouco, têm sido consideradas, fatalisticamente, coisa inevitável, um destino da providência. Na Alemanha, facilmente se admite uma taxa de 10% de desempregados. Ela é tida como saudável, porque incentiva a competição, barateia a mão-de-obra e aumenta a presença no local de trabalho por parte daqueles que ainda têm serviço. (Aumentam também o ódio contra estrangeiros e o machismo que quer mandar trabalhadoras para casa.) O cinismo e o desprezo dos seres humanos inerentes a tais atitudes ficam óbvios.

### 3 — O que fazer a partir do evangelho?

Provavelmente os tempos de nítidas confrontações entre apenas dois modelos de construir o mundo já passaram. Chegou a época de múltiplas respostas e engajamentos dos cristãos. Tomando como ponto de partida o amor ao próximo e a justiça para a natureza e os grupos excluídos (cf. a campanha do Betinho “Contra a fome e miséria e pela vida”) e admitindo a nossa impotência política e econômica, podemos discutir as seguintes propostas de atuação e pensamento:

— Envolvimento em grupos ecológicos e de recuperação social. No mundo inteiro está crescendo, em vários cantos da sociedade e a partir de posições ideológicas muito diferentes, uma consciência ambiental e social. Na verdade, basta pouca observação e reflexão para perceber que o desenfreado mercado livre com a sua exaustão da natureza e o abismo aberto entre ricos e pobres não tem chance de sobreviver ao próximo século. Só constatar que a ideologia do mercado pressupõe um crescimento ilimitado e levar em conta que o nosso planeta é um sistema fechado, limitado, pode levar à conseqüência: assim como o mundo globalizante está funcionando, não dá mais. Daí surgem movimentos e engajamentos que se dedicam à restauração em lugares onde visivelmente há destruição, danos já feitos, falta de valores humanos. As pessoas cristãs vão participar desses empenhos de gente de bom senso através de campanhas e atuações concretas. Os comitês do Betinho são um exemplo valioso neste país.

— Uma tarefa especial, me parece, é procurar o contato direto com os “excluídos” da sociedade dominante. Sei muito bem e por experiência própria como é difícil sair do nosso próprio mundo protegido por grades física e espiritualmente, para compartilhar a vida de favelados, sem-terra, sem-teto, alcoolistas, prostitutas, dependentes de drogas, criminosos, etnias marginalizadas. Para a maioria de nós é quase impossível fazer isso. Algumas pessoas mais dedicadas, no entanto, alcançam tal abnegação da própria cultura. Madre Tereza de Calcutá é apenas um exemplo muito celebrado. Vi uma reportagem sobre uma irmã católica que acompanha as pessoas condenadas à morte no Texas (estado que mata mais condenados do que os outros, em nome de uma ordem férrea da liberdade e competição humana). Mesmo assim, nós todos podemos nos aproximar da realidade dos excluídos, as vezes só levando a sério as estatísticas oficiais.

— Buscar, desenvolver, viver nas comunidades modelos alternativos de convivência. Hoje em dia é muito difícil pensar numa convivência mesmo dentro de uma paróquia cristã. Os membros estão dispersos, engolidos pelos mundos do trabalho e do lazer. Mesmo assim, as comunidades cristãs deveriam procurar oportunidades de conviver e praticar aquilo que herdaram da tradição bíblica, a saber, formar grupos de convivência não-subordinados ao comando do egoísmo e chauvinismo ou às regras férreas do mercado e do consumismo. Existem tais tentativas, e em formas as mais variadas. Muitos conhecem o centro espiritual de Taizé na França. Lembro-me com prazer da comunidade luterana de férias na



aldeia de Holden, em meio às montanhas dos EUA. Há uma aldeia em Israel onde convivem, demonstrativamente, judeus e árabes. Um novo conceito missionário, desenvolvido no Brasil, procura a convivência de alguns com os povos mais oprimidos e desrespeitados deste continente, também sob o aspecto de aprender os valores esquecidos da vida “natural”. Ouvi falar de comunidades econômicas, na Europa, que convivem sem usar o dinheiro, na base de intercambiar horas de serviço. Há, provavelmente, milhares de empreendimentos semelhantes, buscando um mundo melhor, alternativo, realmente humano, voltado para a justiça, a paz, o respeito pelos outros, a preservação do patrimônio natural. Tais modelos pequenos, insignificantes, podem se tornar espinhos na consciência geral sendo amostras vivas de que existe a possibilidade de uma comunhão alternativa na terra.

— Acusar, desmascarar de maneira profética os defeitos da sociedade dominante e de seus líderes. De jeito nenhum podemos, ao meu ver, abrir mão da nossa herança profético-crítica. Ela constitui, de fato, um acervo fundamental do nosso crer e viver a tradição cristã. Assim como em outras áreas da interpretação bíblica, não podemos contar com modelos fixos e eternos de crítica social nos livros proféticos. Mas o espírito dessas mensagens deveria nos inspirar a ver e julgar os nossos sistemas econômicos e políticos vigentes de modo mais realista do que os propagadores, atualmente, do sistema do mercado livre. Eles, com efeito, estão pintando exclusivamente um quadro bonito, bem-sucedido da construção de um mundo confortável para no máximo um terço da população mundial, negando, na prática, conforto igual a dois terços das raças humanas e ignorando, além disso, direitos de sobrevivência para grande parte dos seres vivos e, em última análise, para a criação de Deus inteira. (A ironia é que a ideologia do crescimento ilimitado vai acabar também com aqueles mesmos que querem lucrar sem fim. Mas eles não são capazes de entender o círculo vicioso, suicida de seu projeto de exploração e acumulação de riquezas.) Então, é tarefa cristã estudar os assuntos e modos de funcionamento da economia e da política e apontar falhas, erros, defeitos visíveis e ocultos, em nome de uma justiça maior do que aquele reinante no mundo atual. É claro, a justiça vigente sempre é uma justiça parcial, das camadas e dos interesses dominantes. É, com poucas exceções, uma justiça branca, masculina, de pessoas possuidoras de bens, etc. A voz profética dos cristãos e das cristãs tem que acusar continuamente esse defeito fundamental da construção global do mundo moderno.

— Manter viva a experiência dos oprimidos de todos os tempos e ser advogado dos fracos. Ao mesmo tempo, a voz profética tem que lembrar todo o mundo dos excluídos. A maneira vigente é simplesmente ignorar e evitar essa parcela maior da população. É possível fazer isso, sim. Quando chegamos ao Rio em 1975 uma mulher cristã da comunidade nos dizia: “Não há pobres no Brasil. Só há gente que não quer trabalhar.” Esta mesma afirmação está em voga em muitas comunidades também na Europa. É sinal de um mundo hierárquico onde as bases sociais, vistas por um olhar de cima para baixo, são desprezadas. O olhar

profético, por outro lado, é de baixo para cima, contestando a legitimação dessa visão dominante. A experiência sofrida de bilhões de seres humanos está em jogo. Se cremos em um Deus criador de tudo e de todos e todas temos que admitir que também os pequenos e humildes, excluídos e desprezados fazem parte desse mundo. Não é permissível, numa ética social cristã, deixar essa camada de seres fora quando se constrói esta nossa sociedade. Basta acrescentar que Jesus, por essa razão, valorizou muito os pequenos. E o próprio Paulo acentua a verdade estranha de que os pobres têm acesso a conhecimentos espirituais que estão ocultos aos ricos.

Mesmo que muitos críticos de hoje ridicularizem o utopismo da teologia, acho (com Ernst Bloch) que a própria utopia é uma força central no desenvolvimento humano. A ideologia do mercado livre claramente vive de utopias — mas infelizmente são utopias que beneficiam apenas uma minoria da humanidade e decerto levarão ao fim de toda a civilização terrestre. Por isso, são sonhos sedutores e falsos. O dever do cristianismo (e de outras religiões) seria continuar a sonhar utopias certas, seguindo a tradição bíblica, que se encaminhem na direção de justiça, paz e preservação da natureza. Imagino que isso possa acontecer em duas etapas ou níveis:

— Propor medidas estruturais temporárias para melhorar situações de miséria e opressão no sistema vigente. Nós não temos potencialidades para deter o desenvolvimento globalizante que tentamos descrever. Talvez consigamos alterar aqui e ali pequenos detalhes do plano geral, através de muita discussão e engajamento, para humanizar o sistema desumano e promover a causa ecológica. Grupos e movimentos na comunidade e fora dela são necessários para estudarmos assuntos candentes de fundo e entrarmos em ação com propostas convincentes. (Impressionei-me com a atuação de uma comunidade quacre em Saint Paul, EUA, em 1995).

— A médio e longo prazo, tentar implantar princípios realmente alternativos ao sistema atual globalizante. O mundo que experimentamos atualmente parece viciado pelas idéias do mercado livre. Se as nações democráticas continuarem a votar em favor do sistema vigente, apesar de todas as injustiças inerentes estarem bem documentadas, mudanças ficam improváveis. Mas, quem sabe, a pregação e atuação, sobretudo o bom exemplo da convivência cristã venham a convencer os outros de que o planeta precisa de outro rumo daqui para a frente.

## Nota

\* Texto da palestra pública proferida na Escola Superior de Teologia em 25-03-98.

Erhard S. Gerstenberger  
Fasanenweg 29  
35394 Giessen  
República Federal da Alemanha